



cofinanciado por:



Ficha Técnica

Texto, Imagens e Conceção gráfica
Câmara Municipal de Moura

Contactos

Edifício de Receção ao Turista | 285 251 375
moura.turismo@cm-moura.pt



A NECRÓPOLE O CEMITÉRIO CRISTÃO

O cemitério mais antigo de Moura localizava-se no interior do castelo, em redor das igrejas de Sta. Maria e de Santiago. Foi utilizado a partir da 2ª metade do século XIII e terá estado em uso até à 1ª metade do século XVI. Numa primeira fase, o espaço sepulcral ocupou, e desativou, a rua e construções pertencentes ao bairro islâmico, só depois surgiram as edificações cristãs. Na intervenção arqueológica foram recuperados 88 esqueletos, maioritariamente

de jovens ou crianças, provenientes de 45 sepulturas e 95 indivíduos identificados em 4 ossários. Em algumas sepulturas encontraram-se moedas associadas aos enterramentos, Ceitis de D. Afonso V (reinado: 1438-1481). A maioria dos enterramentos eram individuais e primários, com a cabeça orientada a sudoeste e os pés a nordeste, colocados o mais perto possível das paredes da igreja. Prática antiga que visava garantir a proteção divina.



O SENHOR DA VILA A CASA DO ALCAIDE

Não se sabe com exatidão quando foram construídos os aposentos do Alcaide, o senhor da vila. No entanto, quando Duarte Darmas desenha a alcáçova do castelo, no início do século XVI, representa-a com um conjunto de casas dispostas ao longo das muralhas, em torno de um espaço central onde existia um poço e um laranjal cercado por um muro. A legenda dessa representação, com mais de 500 anos, é esclarecedora quanto à tipologia de casa e à qualidade das águas de Moura: “estes

apousentamentos sam sobradados” e “poco de mujta auga e booa”. Alguns dos compartimentos, que faziam parte do paço do alcaide, foram postos a descoberto nas escavações arqueológicas realizadas no interior da alcáçova. Este núcleo habitacional sofreu profundas alterações aquando da transformação do local em aquartelamento militar, já no século XVII e que se prologou até ao século XVIII.



ARQUEOLOGIA NO CASTELO DE MOURA



ARQUEOLOGIA NO CASTELO DE MOURA



Os primeiros trabalhos arqueológicos no Castelo de Moura foram realizados em 1980 e desde aí não mais cessaram. Os mais de quarenta anos de investigação permitiram pôr a descoberto, e integrar num circuito de visita, vestígios de diferentes épocas que potenciam a perceção de como seria a vida

neste espaço, num tempo passado.

O castelo tem uma ocupação comprovada desde a Idade do Ferro, do século IV a.C., e prolongou-se até meados do século XX quando os seus últimos moradores daqui partem para se instalarem noutros locais da cidade.

Foi no decurso da escavação arqueológica no local do atual Edifício de Receção ao Turista que se encontraram os vestígios desse povoado mais antigo. No entanto, face às condicionantes da nova construção os mesmos não puderam ficar a descoberto.

Construindo em taipa ou em pedra, muitas foram as comunidades que aqui habitaram.

A maioria das estruturas arqueológicas ficou preservada no recinto e o espólio recolhido tem permitido produzir estudos científicos e exposições temáticas.



O BAIRRO ISLÂMICO AS CASAS E AS RUAS

Os vestígios arqueológicos da ocupação islâmica foram encontrados nas três áreas visitáveis do recinto, onde se observam um conjunto de estruturas habitacionais datadas dos séculos XII-XIII.

Troços de ruas, construídas em terra batida, com pequenas pedras e cerâmica fragmentada, partes de casas e pelo menos duas fossas são os testemunhos que, até ao momento, melhor documentam o bairro islâmico que aqui existiu.



Destaca-se, a unidade habitacional melhor conservada onde se identifica uma casa com pátio central, onde são visíveis outras dependências da habitação que se articulam em redor desse espaço descoberto e pavimentado a tijoleira, nomeadamente, um salão com um pavimento de argamassa, onde é perceptível a área da alcova (local onde existiria um estrado que serviria de cama) e um outro compartimento que apenas conserva a soleira de ligação ao pátio central.



O LOCAL DE CULTO A IGREJA DE SANTIAGO

A documentação escrita medieval faz alusão a este espaço, mas desconhecia-se a sua exata localização. Foi descoberto no decurso de escavações arqueológicas.

A igreja começou por ser uma pequena capela, possivelmente erigida sob a antiga mesquita islâmica, de estrutura quadrangular com 6 m por 6 m e com um altar central a ocupar a quase totalidade da área. Poderia estar sempre aberta, não ter qualquer porta.

Do primitivo local de culto, datado de meados

do século XIV, destaca-se o enegrecido do degrau superior do altar. Possivelmente, relacionado com a colocação de velas pelos crentes de Santiago.

Num segundo momento, em meados do século XV, a Igreja de Santiago é ampliada. Desta campanha de obras resultou uma igreja maior, com um novo pavimento e um novo altar. São desta fase, as duas tampas de sepultura em mármore. O seu abandono deverá ter ocorrido na 2ª metade do século XVI.

